

The background of the cover is white with several thick, colorful lines in shades of green, orange, blue, purple, red, and yellow. These lines are arranged in a way that suggests movement and creativity, with some lines forming loops and others extending across the frame. A yellow rounded rectangle is positioned in the lower-middle section, containing the title text.

DVD
Material
Educativo
para
Professor
Propositor

PERCEÇÃO DA
PAISAGEM URBANA



DVDteca

A horizontal bar at the bottom of the page is divided into six equal-width rectangular segments. From left to right, the colors are purple, light blue, green, red, dark blue, and yellow.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

Percepção da paisagem urbana / Instituto Arte na Escola ; autoria de Elaine Schmidlin ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006.

(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 114)

Foco: CT-A-2/2006 Conexões Transdisciplinares

Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia

ISBN 85-7762-010-7

1. Artes - Estudo e ensino 2. Arquitetura 3. Espaço público urbano 4. São Paulo (Cidade) I. Schmidlin, Elaine II. Martins, Mirian Celeste III. Picosque, Gisa IV. Título V. Série

CDD-700.7



Créditos

MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA

Organização: Instituto Arte na Escola

Coordenação: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Projeto gráfico e direção de arte: Oliva Teles Comunicação

MAPA RIZOMÁTICO

Copyright: Instituto Arte na Escola

Concepção: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Concepção gráfica: Bia Fioretti

PERCEPÇÃO DA PAISAGEM URBANA

Copyright: Instituto Arte na Escola

Autor deste material: Elaine Schmidlin

Revisão de textos: Soletta Assessoria em Língua Portuguesa

Diagramação e arte final: Jorge Monge

Autorização de imagens: Ludmilla Picosque Baltazar

Fotolito, impressão e acabamento: Indusplan Express

Tiragem: 200 exemplares

DVD

PERCEPÇÃO DA PAISAGEM URBANA

Ficha técnica

Gênero: Documentário com depoimentos e cenas da paisagem urbana.

Palavras-chave: Cidade; educação do olhar; arquitetura; comunicação visual; espaço público urbano; geometria; espaço; códigos; heranças culturais.

Foco: **Conexões Transdisciplinares.**

Tema: A linguagem da arquitetura, a paisagem urbana e a comunicação visual, tendo como referência a cidade de São Paulo.

Indicação: A partir da 1ª série do Ensino Fundamental.

Direção: Jonathas M.P.S. (Jonathas Magalhães Pereira da Silva).

Realização/Produção: Laboratório de Recursos Audiovisuais; Vídeo e Fotografia - LRAV da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Ano de produção: 1988.

Duração: 12'.

Sinopse

O documentário apresenta imagens da cidade de São Paulo e utiliza recursos como a computação gráfica, por exemplo, para desenvolver a compreensão da caracterização da cidade como espaço constituído de formas, texturas e planos. Apresenta depoimentos de professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU/USP sobre o processo perceptivo. A paisagem urbana paulistana é revelada em toda sua diversidade, com seus monumentos, praças, conjuntos arquitetônicos, além de informações relacionadas à comunicação e aos sinais gráficos visuais presentes no cotidiano urbano.

Trama inventiva

Ponto de contato: conexão. Abertura para atravessar e ultrapassar saberes: olhar transdisciplinar. A arte se põe a dialogar, fazer contato, contaminar temáticas, fatos e conteúdos. Nessa interseção, arte e outros saberes se alimentam mutuamente, ora se complementando, ora se tencionando; ora acrescentando novas significações um ao outro. A arte, ao abordar e abraçar, com imagens visionárias, questões tão diversas como a ecologia, a política, a ciência, a tecnologia, a geometria, a mídia, o inconsciente coletivo, a sexualidade, as relações sociais, a ética, entre tantas outras, permite que na cartografia se desloque o documentário para o território das **Conexões Transdisciplinares**. Que sejam estas então: livres, inúmeras e arriscadas.

O passeio da câmera

Nosso olhar é introduzido no documentário por imagens de pinturas com texturas e cores que sugerem as pegadas do homem no espaço da cidade. As imagens nos envolvem com o conceito de paisagem urbana e toda sua complexidade. Pela câmera andamos de carro, de metrô, a pé, olhamos para todos os lados, vivemos a agitação da grande cidade e ouvimos os comentários do narrador e de professores da FAU/USP.

As imagens aguçam nossos sentidos para a percepção dos espaços, alguns recursos de computação gráfica nos guiam para a compreensão da linguagem espacial e dos sinais presentes neste cotidiano.

O documentário proporciona proposições pedagógicas que envolvem vários territórios, como pode ser visualizado no mapa potencial. Ele foi alocado em **Conexões Transdisciplinares** por revelar o espaço público urbano, a geografia, a geometria e o meio ambiente relacionando-os com a linguagem visual urbana.



Sobre a linguagem visual urbana

A cidade é um espaço físico, construído e habitado. Em função destas três características temos a caracterização da linguagem do ambiente urbano.

Lucrécia D'Aléssio Ferrara

O espaço físico da cidade de São Paulo¹, construído e habitado, inquieta nossa percepção visual ao olhar para qualquer paisagem urbana. Segundo o depoimento do arquiteto e professor Murillo Marx, o termo paisagem urbana vem de *paesi*, país, que quer dizer, originalmente, a porção do território que podemos abarcar com a vista. Ele se interessa, particularmente, pelo “o que está atrás dela, o que ela como forma pode revelar, os conflitos, os confrontos da sociedade humana que vão modelando, que vão conformando a cidade”.

Ao caminhar pelas calçadas, ao brincar nos parques e praças, ao interagir com as informações visuais presentes em signos que habitam as cidades, nos envolvemos com o espaço público na intensa relação entre o ser e o objeto, entre o habitante, o transeunte e a cidade. “É o recorte desse fragmento urbano, combinado com a interpretação das associações por ele sugeridas, que permite que o macroespaço urbano mostre suas intimidades, suas forças e fraquezas que o transformam em lugar orgânico, dotado de força vital”².

Para estudar o ambiente urbano, somos convidados a ver o espaço como se ele fosse constituído de pisos, paredes e tetos. Em ritmos diferentes, homens e mulheres andam pela cidade, dessa forma também ritmos diversos são oferecidos pelos pisos, que dividem e unem espaços, que brincam com formas e matérias.

As paredes limitam, dividem, abrem e fecham os espaços. Assim, podemos perceber os elementos naturais, como a vegetação, ou construídos, como os muros. Às vezes, nos deparamos com formas que permitem a visualização externa e interna, como

telas, aramados e outros materiais, ou, ainda, aqueles fechados que bloqueiam a visão mais ampla como muros de concreto, ou mesmo as fachadas dos edifícios que vão delinear e configurar os espaços circundantes.

O teto, no espaço urbano, é formado pelo céu, em suas diferentes colorações, ou por vários elementos que direcionam nosso olhar para baixo, como a vegetação, fios elétricos ou mesmo toldos. Essas direções são linhas que orientam nosso olhar para a paisagem urbana, a qual nos envolve em nosso cotidiano.

Os pisos, paredes e tetos da paisagem urbana não se confinam em espaços interiores, mas se incorporam à cidade, vista por Lucrécia D'Aléssio Ferrara³ como “um espaço privilegiado do não-verbal”. Nela, estão:

as decorrências de todas as suas micro-linguagens: a paisagem, a urbanização, a arquitetura, o desenho industrial, a sinalização viária – incluindo aí o verbal –, a moda, o impacto dos veículos de comunicação de massa nos seus prolongamentos urbanos e ambientais, o rádio, o jornal, a televisão. A cidade dominada pelo pluriespaço como decorrência da necessidade de criar espaços: o espaço horizontal e suas transformações verticais, a disponibilidade para o espaço imprevisível, uma cidade onde todo o espaço gera outros, virtuais.

Como um olhar sobre a cidade, o documentário é, em si, um instrumento de mediação que impulsiona o olhar a ver por ângulos inusitados, a perceber o ritmo frenético, a subir as escadas rolantes no metrô da Sé ou do metrô São Bento, a atravessar viadutos sobre grandes avenidas, a se perder em meio a tantos anúncios publicitários...

A paisagem urbana é pluralista, eclética e derivada de diversas fontes. O espaço em que vivemos mostra-se, portanto, um espaço heterogêneo que não é um vazio no qual indivíduos e coisas são colocados. “Nós vivemos dentro de um conjunto de relações que delineiam lugares que são irredutíveis a um outro e absolutamente não superponíveis sobre um outro”⁴. Um espaço que pode esconder e dissimular o que está por trás da paisagem.



Os olhos da arte

Todas as informações estão dispersas no meio urbano. Isso faz com que o usuário da cidade seja um usuário que manipula uma quantidade de muito grande de informações, o que faz com que ele tenha a sua capacidade de percepção - ou seja, a sua capacidade de absorver e gerar informação - muito desenvolvida.

Lucrécia D'Aléssio Ferrara



Dani Zacconi - *Olhar sobre a cidade de São Paulo*

A paisagem urbana, como lugar público, é repleta de informações que são impressas em suas ruas e avenidas, praças, edificações, monumentos. As informações também estão presentes na comunicação de massa, em cartazes e anúncios publicitários, nas placas de trânsito, no transporte urbano, nos sinais gráficos, nas pinturas e texturas agregadas à parte externa dos edifícios, ou, ainda, nas composições de parques e praças que contemplam monumentos e obras públicas. Entretanto, **“não somos apenas observadores deste espetáculo, mas sim uma parte ativa dele, participando com os outros num mesmo palco”⁵**.

Como olhamos para uma cidade como São Paulo, uma das mais populosas do mundo, com mais de dez milhões de habitantes? Como um documentário produzido em 1988 pode nos convocar

Como diz Vilches⁷, “**todo ato de ver implica um querer saber o que se vê**”. Um querer que, certamente, implica em curiosidade e no olhar estrangeiro que estranha o que é familiar. Olhar a ser ampliado e provocado na mediação cuidadosa dos que inventam a cidade cotidianamente.

O passeio dos olhos do professor

Antes de planejar a utilização do documentário, convidamos você para registrar suas impressões e iniciar um diário de bordo, como um instrumento para o seu pensar pedagógico durante todo o processo de trabalho junto aos alunos. Oferecemos uma pauta do olhar:

- Você já havia pensado sobre a cidade como paisagem urbana? Qual a contribuição que o documentário traz em relação a isso?
- Qual é o significado de percepção que o documentário privilegia?
- Como o documentário utiliza a computação gráfica?
- Quais sentidos, além do visual, são aflorados pelo documentário?
- O que chama sua atenção em relação à comunicação visual presente na paisagem urbana?
- O que seus alunos gostariam de ver neste documentário?

A partir de suas anotações, elabore um mapa do que considera mais importante para suas proposições pedagógicas.

Percursos com desafios estéticos

Alguns caminhos possíveis são aqui sugeridos como idéias a serem transformadas ou recriadas de acordo com interesses e necessidades percebidas nos alunos. A sua escuta e olhar atentos aos alunos são as suas ferramentas essenciais para ampliar as **Conexões Transdisciplinares**.

para ver, absorver e gerar informações sobre essa megalópole com interfaces com várias áreas do conhecimento? Sob que aspectos podemos conectá-la com a paisagem urbana de pequenas cidades e vilarejos?

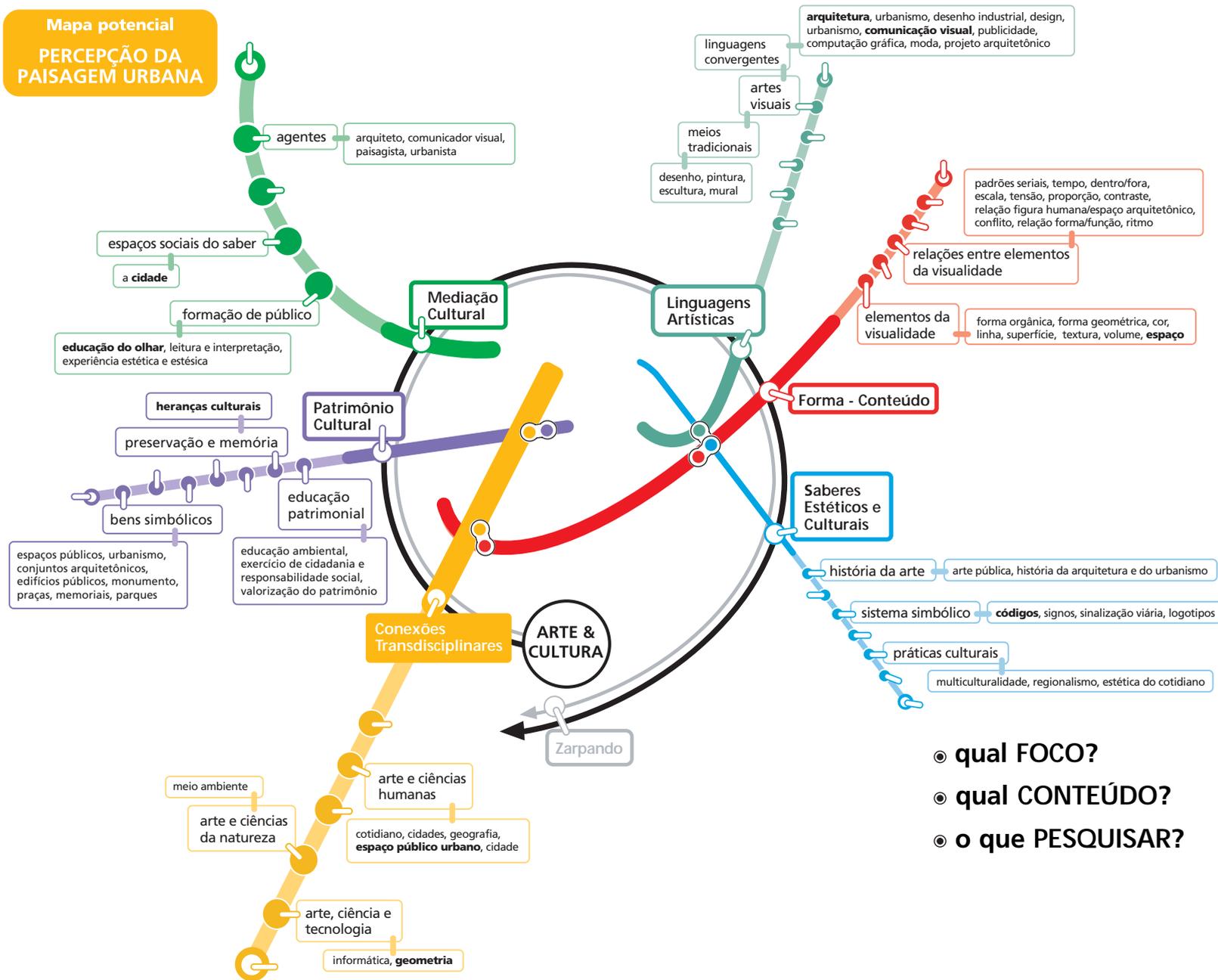
O contexto do espaço público urbano, eclético e multicultural, por onde transitamos em nosso cotidiano, expressa as marcas de nossa história social e política, contemporânea e passada, nos convidando a perceber as diversas facetas destes espaços de convívio compartilhado.



Dani Zacconi - *Olhar sobre a cidade de São Paulo*

A cidade é viva e pulsa, surpreendendo os seus habitantes pelas mudanças que exigem um olhar sempre atento e sensível. Perceber é “interpor uma cama interpretativa entre a consciência e o que é percebido”⁶, indo além dos dados sensoriais, pois a percepção não está desligada do ato do pensamento. Assim, o olhar capturado pelo documentário pode questionar o cotidiano nas cidades, a geografia e o espaço público urbano, mergulhando nas relações entre arte e as ciências humanas. Pode, também, aprofundar-se ao ver a geometria, as esquinas com ângulos retos ou arredondados, os traçados e construções geométricas em praças e pontes, além da informática, observando a construção do próprio documentário, conectando arte, ciências e tecnologia. Além disso, este olhar é levado a estabelecer os vínculos entre arte e ciências da natureza, percebendo o meio ambiente natural e construído, recriando possibilidades de *habitat*.

Mapa potencial
PERCEÇÃO DA PAISAGEM URBANA



- qual FOCO?
- qual CONTEÚDO?
- o que PESQUISAR?

O passeio dos olhos dos alunos

Algumas possibilidades:

- ☉ Que tal um passeio por lugares, praças, parques e outros recantos de sua cidade? Mesmo que seja uma visita virtual, você poderá ajudar os alunos a apurarem os sentidos, registrando formas, sons, sinais gráficos, procurando perceber o entorno. Depois, vocês poderiam conversar sobre as qualidades perceptivas registradas individualmente nesses ambientes, preparando para a exibição do documentário.
- ☉ O espaço onde circulamos e convivemos com os outros pode ser um bom começo para a compreensão de lugar público. Para iniciar o projeto, estimule seus alunos a perceberem o piso, a parede e o teto da sala de aula, como ela é configurada, como estão organizadas as carteiras, como é o movimento das pessoas nesse espaço, quais são os elementos colados nas paredes, entre outros aspectos. Depois de assistir ao documentário, que outros aspectos eles podem ver na sala de aula?
- ☉ Um olhar atento para o contexto da escola, observando os espaços comuns, compartilhados, pode levar a perceber como se organizam, quais as ações comuns que esses lugares provocam, quais os sentidos aflorados nesta procura perceptiva, quais as marcas e registros nos muros ou paredes revelados por estes olhares alimentados, depois, pelo documentário.

O nosso desafio é provocar os sentidos e a sensibilidade perceptiva dos alunos para os ambientes urbanos. Eles ficaram animados pelo documentário? Quais outras proposições podem apontar questões instigantes?

Ampliando o olhar

- ☉ O documentário pode ser revisto para que os alunos percebam todos os códigos e signos visíveis, como placas de trânsito, logotipos de refrigerantes, lojas e bancos, entre outros aspectos. Você pode fazer um jogo, dividindo os alunos em

equipes, impulsionando para que percebam o máximo de elementos possíveis utilizados na comunicação visual.

- ☉ Cartões-postais podem ser a chave de entrada para mapear e catalogar lugares de convívio, como parques e praças, ruas, vilas, o centro de sua cidade, etc. Como você pode ampliar o olhar de seus alunos sobre esses cartões-postais? A percepção dos espaços naturais e construídos, dos pisos, paredes e tetos, a comunicação visual, a arquitetura, o urbanismo, o patrimônio cultural são alguns dos aspectos a serem analisados. Quando possível, proporcione visitas a esses locais, como expedições, para uma percepção mais apurada, buscando perceber os sentidos aflorados. Os cartões-postais podem ser elaborados pelos próprios alunos, a partir de suas observações ou da imaginação, criando uma cidade diferente.
- ☉ O olhar focado e atento a um único aspecto pode ser provocado com o registro em frottage⁸ de pisos e paredes da escola, percebendo a geometria de suas linhas e formas. Cada equipe pode montar suas próprias pranchas, gerando um jogo de adivinhação entre as equipes.
- ☉ Qual é o trabalho de um arquiteto, de um paisagista? Como lidam com o urbanismo? Pode ser interessante uma visita a um escritório de arquitetura ou um convite de um profissional da área para uma conversa. Um levantamento sobre o que sabem sobre plantas e projetos arquitetônicos poderá instigá-los a fazer um roteiro para a entrevista/conversa. Rever o documentário também poderá ajudar, prestando atenção, especialmente, aos comentários dos arquitetos.
- ☉ Uma conversa sobre os procedimentos cotidianos de cada aluno para chegar até a escola, seguida de um desenho, pode evidenciar que registramos pouco o que vemos com um olhar mais apressado. Em busca de alterar esse olhar, você poderá propor um exercício perceptivo: registrar a paisagem urbana a partir da casa até a escola. Com a observação do que é visto e de como é visto, dependendo do tipo de locomoção utilizado, incentive-os a observar

sinais de trânsito, vegetação, ruas percorridas, sons e ruídos escutados, cheiros sentidos em seu trajeto, cores e formas visualizadas, entre outras. O registro pode ser feito durante vários dias, aprimorando os sentidos e a percepção. Um grande mapa, apresentando os caminhos percorridos por todos, pode ser elaborado no pátio da escola com giz. O comentário da professora Lucrécia D'Aléssio Ferrara sobre as informações visuais presentes em nosso cotidiano pode impulsionar esse registro.

- ☉ Maquetes têm sido utilizadas na cultura visual, especialmente para projetos imobiliários. Olhar para elas pode motivar os alunos a construir maquetes com materiais variados: papelão, retalhos de tecidos, folhas secas de árvores, palitos de sorvete, caixas vazias de fósforos, miniaturas de brinquedos. Eles poderiam fazer a maquete da própria escola, por exemplo, como um exercício de observar e pensar em prováveis transformações.
- ☉ Sugerimos que o texto de Herbert Read⁹ impulsiona uma conversa numa reunião de professores:

A pessoa simplista poderá objetar que existe uma única forma de ver o mundo – a forma como se apresenta à sua própria visão imediata. Mas isso não é verdade; *vemos o que aprendemos a ver*, e a visão torna-se um hábito, uma convenção, uma seleção parcial do que existe para ver e um resumo distorcido do resto. *Vemos o que queremos ver*, e o que queremos ver é determinado, não pelas inevitáveis leis da óptica ou mesmo (como pode ser o caso dos animais selvagens) por instinto ou sobrevivência, mas pelo desejo de descobrir ou construir um mundo verossímil.

Conhecendo pela pesquisa

- ☉ A paisagem urbana apresentada no documentário é aquela porção da cidade, do ambiente construído pelo homem, que nos cerca. A partir desta afirmação, procurem pesquisar quais os projetos desenvolvidos e quais as leis que regulam as ações no meio urbano nos setores que se ocupam da questão urbana e do patrimônio cultural de sua cidade.

- ☉ O documentário utiliza a computação gráfica para nos explicar melhor o conceito de espaço urbano como linguagem. Podemos, com esse recurso, vê-la no documentário constituída de pisos, paredes e tetos. Quais recursos são acessíveis aos seus alunos para explorar essa questão na sala de informática de sua escola, se houver?
- ☉ *Arte/Cidade* é um projeto de intervenções urbanas que se realiza em São Paulo desde 1994, reunindo artistas e arquitetos, internacionais e brasileiros, voltados para situações urbanas complexas. Por meio do site é possível conhecê-lo e imaginar projetos que envolvam propostas de intervenção urbana na sua região.
- ☉ Os parques, praças e outras áreas de lazer também fazem parte do contexto da paisagem urbana e nos falam sobre o meio ambiente e a geografia do lugar. Seus monumentos e obras de arte são representativos da história da cidade. O que os alunos podem pesquisar sobre a história de sua cidade? Como fariam um documentário sobre ela?
- ☉ A Praça Patriarca está inserida no centro antigo da cidade de São Paulo. No documentário, vemos um estudo para reconstruí-la. O projeto de Paulo Mendes da Rocha, concluído em 2002, gerou muita discussão. A consulta em dois sites indicados na bibliografia, pode oferecer bom material de pesquisa para alunos maiores.
- ☉ Cidades é um tema caro à arte. A 25ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo, ocorrida em 2002, *Iconografias metropolitanas*, teve como tema central as metrópoles, precisamente, onze, e uma extra, utópica. Os arquitetos paulistas Isay Weinfeld e Marcio Kogan instigaram o público com sua versão de uma São Paulo perfeita, denominada *Happyland*. Convide os alunos a criarem maquetes de uma cidade cujos problemas, como engarrafamentos de trânsito, falta de moradia e transporte público ineficiente, sejam resolvidos de forma inusitada, com soluções criativas para ocupação do espaço urbanístico.

Desvelando a poética pessoal

A observação e registro do meio ambiente, natural, e construído pelo homem, a criação de sinalização, outdoors ou, ainda, de pisos, paredes e tetos para o espaço urbano, pode gerar uma série de trabalhos. Nela, cada estudante pode explorar suas idéias, desvelando também uma nascente poética pessoal. É fundamental o seu acompanhamento para nutrir os alunos com idéias.

Amarrações de sentidos: portfólio

Ao final deste percurso, será interessante verificar, junto com os alunos, como este documentário impulsionou descobertas e questionamentos. Para tanto, sugerimos a organização de um portfólio individual ou coletivo com todos os trabalhos realizados, todas as pesquisas feitas, todas as imagens discutidas. Uma capa caprichada, com cenas da paisagem urbana de sua localidade, e um texto que aponte o que foi mais significativo do projeto também podem compor o portfólio, incluindo as perguntas ainda não respondidas e as novas idéias para os próximos projetos.

Valorizando a processualidade

A escolha por este documentário e suas problematizações podem ser o início de uma boa conversa com seus alunos sobre a percepção de alguns caminhos compartilhados por vocês. A observação dos portfólios também poderá ajudar na percepção do que foi possível ampliar em relação à paisagem urbana e as possíveis conexões com outras áreas do conhecimento. Compreenderam a importância do olhar e da escuta atenta para os espaços da cidade? Perceberam a diversidade das informações visuais em seu cotidiano? Ampliaram a sensibilidade e os sentidos em seus trajetos cotidianos? Trouxeram novas questões?

E para você? O que você estudou? O que você criou? Quais as proposições pedagógicas que você poderia ainda recriar? Você pode encontrar na DVDteca Arte na Escola outros documentários para complementar algumas questões levantadas. Fica o convite!

Glossário

Comunicação visual – “Locução que engloba, de modo genérico, as técnicas de criação e ainda as de seleção e adaptação de imagens plasticamente agradáveis, atrativas, uniformes e pertinentes a um determinado conteúdo, tendo por objetivos a identificação, a memorização e a divulgação de serviços, mensagens ou produtos de empresas, instituições, ou de eventos públicos. Embora as artes plásticas tradicionais sempre tenham sido expressões de ‘comunicação visual’, a denominação ganhou ressonância por estar conjugada às necessidades e objetivos da comunicação de massa e da publicidade comercial.” Fonte: CUNHA, Newton. *Dicionário Sesc: a linguagem da cultura*. São Paulo: Perspectiva: Sesc São Paulo, 2003, p. 177.

Percepção visual – ver é outro passo distinto da comunicação visual. É o processo de absorver informação no interior do sistema nervoso através dos olhos, do sentido da visão. Esse processo e essa capacidade são compartilhados por todas as pessoas, em maior ou menor grau, tendo sua importância medida em termos do significado compartilhado. Fonte: DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Urbanismo – é uma disciplina nova que “tem um componente científico, no sentido tradicional do termo, porque efetua análises rigorosas sobre a condição demográfica, econômica, produtiva, sanitária, tecnológica dos agregados sociais; tem um componente sociológico, porque estuda as estruturas sociais e seus desenvolvimentos previsíveis; tem um componente político, porque influi sobre esses desenvolvimentos orientando-os em certas direções; tem um componente histórico, porque considera as situações sociais na dupla perspectiva do passado e do futuro; e tem, enfim, um componente estético, porque termina sempre na determinação de estruturas formais.” Fonte: ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 211.

Bibliografia

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de (org.). *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos: Ed. da UFScar, 1996.

FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Ática, 1993. _____. *O olhar periférico*. São Paulo: Edusp, 1993.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

MUNARI, Bruno. *Design e comunicação visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Bibliografia de arte para crianças

DUARTE, Neide; LEITÃO, Mércia M. *Oscar: arquiteto de sonhos*. São Paulo: Scipione, 2004.

LANNA, Ana Lúcia Duarte (coord.). *O que a gente vê quando a gente olha: aprendendo com o patrimônio ambiental*. São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial, 2004.

ROCHA, Ruth. *O rato do campo e o rato da cidade*. São Paulo: FTD, 2005.

Seleção de endereços sobre arte na rede internet

Os sites abaixo foram acessados em 05 nov. 2005.

ARTE/CIDADE. Disponível em: <www.pucsp.br/artecidade>.

CIDADES. Revista Ruavista: os signos da cidade. Disponível em: <www.ruavista.com/indexbr.htm>.

_____. Disponível em: <www.forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal/painel/artigos/document>.

PRAÇA PATRIARCA. Disponível em: <www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc060/mc060.asp>.

_____. Disponível em: <www.arcoweb.com.br/arquitetura/arquitetura317.asp#>.

SÃO PAULO, Município. Disponível em: <www.prefeitura.sp.gov.br/portal/a_cidade/index.php>.

WEINFELD, Isay. Disponível em: <www.isayweinfeld.com>.

Notas

¹ Como um pequeno amontoado de casas feitas de taipa de pilão, de onde partiam os bandeirantes em busca do ouro, a cidade de São Paulo floresceu lentamente em seu início, em 1554. Até 1876, a população local era de trinta mil habitantes, mas este número pulou para cento e trinta mil em menos de 20 anos. Em 1901, foi aberta a Avenida Paulista, a primeira via planejada da capital. Fonte: <www.prefeitura.sp.gov.br/portal/index.html> (história). Acesso em 05 nov.2005.

² Lucrécia D'Aléssio FERRARA, *Leitura sem palavras*, p. 39.

³ *Ibid.*, p. 19.

⁴ FOUCAULT, Michel. Of other spaces. In: MIRZOEFF, Nicholas (ed.). *The visual culture reader*. London: Routledge, 1998, p. 239 (tradução livre).

⁵ LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*, p. 12.

⁶ SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 68. (Primeiros passos).

⁷ VILCHES, Lorenzo. *La lectura de la imagen: prensa, cine, televisión*. Barcelona: Paidós, 1983, p. 53.

⁸ Frottage é um termo francês que significa transferir texturas de uma superfície para outra, mediante o esfregamento de lápis ou crayons através do papel. Fonte: OSBORNE, Harold (ed.). *The Oxford companion to twentieth century art*. Oxford: Oxford University Press, 1984, p. 207.

⁹ READ, Herbert. *História da pintura moderna*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980, p. 10-11 (grifo nosso).

